

OS “AMORES” EM PÚCHKIN

Raquel Siphone* (USP)

RESUMO: O presente trabalho propõe discutir o retrato do amor em um pequeno recorte da lírica puchkiniana. Buscamos mostrar como o autor faz uso das possibilidades literárias ao eger um leitmotiv tão recorrente na história da literatura, como é o do retrato amoroso. Púchkin se filia a uma tradição erótica literária, somando a ela suas idiossincrasias poéticas. Por se tratar de um autor que conta com uma tradução tímida e esparsa em língua portuguesa – sobretudo no gênero lírico –, trazemos, em nosso comentário, as traduções dos textos aqui analisados.

Palavras-chave: Aleksandr Púchkin; Amores; Lírica erótica; Literatura russa

THE “AMORES” IN PUSHKIN

ABSTRACT: This paper discusses the portrayal of love in a reduced scope of the pushkinian lyric. We have tried to show how the author uses different literary possibilities after choosing a leitmotiv as recurrent in literary history as the portrayal of love. Pushkin filiates himself to the erotic literary tradition, and adds his own poetic characteristics. Since the author’s works has been insufficiently translated to Portuguese – even less when it comes to poetry –, we also present the translation of the analyzed texts.

Keywords: Alexander Pushkin; Amores; Erotic poetry; Russian literature

1. Introdução

Que é ser poeta nacional? É ser um Dante para a Itália. É ser um Camões para Portugal. É ser um Goethe para a Alemanha. É ser aquele poeta que consegue encarnar e refletir os sentimentos mais espontâneos, mais vivos e manentes de um povo. É aquele que, por um talento excepcional que se enquadra nos parâmetros da genialidade, consegue cantar com a própria alma as alegrias e os sofrimentos, passados ou presentes, de seus compatriotas e, adivinhando-lhes os anseios, consegue expressar as suas melhores esperanças para o futuro, próximo ou remoto. (FACÓ, 1987, p.3)

*Formou-se em Fotografia pela Escola Panamericana de Arte (2014). Possui graduação em Letras (2020) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), com período sanduíche (2020) na Faculdade de Filologia da Universidade Estatal de Moscou (FILFAK-MGU). Atualmente é mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada (PPG TLLC) da Universidade de São Paulo.

“Aleksánder Serguêievitch Púchkin”, essa definitivamente será a resposta para a pergunta “quem foi o maior escritor nacional russo?”; apesar da nação ser o berço de escritores como Tolstói, Gógol e Dostoiévski, os russos são unânimes quanto à posição ocupada por Púchkin, sem o qual a literatura russa não teria chegado aos padrões de excelência que alcançou. Púchkin foi a grande amálgama literária da Rússia. Unindo formas, estilos e estéticas ele “pode ser considerado a pedra angular de onde parte e se alça a literatura russa do século XIX.” (FACÓ, 1987, p.6).

Foi a voz que permitiu que os russos percebessem em si mesmos uma cultura una e coesa que não mais dependeria das influências externas. “Púchkin é um eco do seu mundo, [...] um eco apaixonado e sensível.” (FACÓ, 1987, p.4).

Deu aos russos a direção da criação de uma nova literatura. E os deixou precocemente, aos 38 anos, vítima de um duelo. Em *Meu Púchkin*, Marina Tsvetáieva resume o que significou sua perda para seus compatriotas: “Nós todos fomos feridos com este tiro na barriga” (TSVETÁIEVA, 2008, p.45).

Segundo Anna Akhmátova – poeta conterrânea de Púchkin –, em seu curto período de vida e atividade, Púchkin foi responsável por, assim como Horácio, erigir um monumento “aere perennius”¹.

1.1 Púchkin e as estéticas de seu tempo

Quando se fala da obra de Púchkin, é difícil encontrar uma máxima acerca de sua estética literária. Os estudiosos apontam frequentemente para o caráter vário de sua poética. E, como homem de seu tempo, Púchkin, definitivamente, não estava sozinho nesse sentido:

[O]s literatos das duas capitais russas estavam expostos a um constante influxo de estilos e gêneros: neoclassicismo, odes, baladas sentimentais, contos sociais, narrativas góticas, versos byronianos, épica, dramas românticos [...].² (EMERSON, 1998, p.653).

¹“Mais perene que o bronze”, do latim. Akhmátova faz essa referência em seu texto “Uma palavra sobre Púchkin” (Слово о Пушкине). A menção é especialmente sugestiva porque em suas considerações a autora diz: “Em vão as pessoas pensam que uma dezena monumentos humanos podem substituir esse inumano único aere perennius”. No trecho, Akhmátova compara as inúmeras homenagens à figura de Púchkin (por meio de esculturas, pinturas etc), em contraposição à obra de Púchkin – essa sim “mais perene que o bronze”. Além disso, há uma ideia metalinguística contida nessa referência já que uma das narrativas de Púchkin chama-se, justamente, “O cavaleiro de bronze” (Медный всадник) e é baseada em um monumento petersburguês homônimo.

²No original: “the literati of Russia’s two capitals were exposed to a steady influx of styles and genres: neoclassical, odes, sentimental ballads, society tales, gothic narratives, Byronic verse, epics, romantic dramas”.

Diante dessa fusão de estéticas literárias vigentes, “o momento exigia um poeta de gênio que soubesse amalgamar a herança do passado (oriental, ocidental, eslavo) ao espírito russo nascente dentro de um modelo: esse poeta foi Púchkin” (BERNARDINI, 1987, p.27).

O poeta russo explorou vastamente os estilos literários que vinham do centro de cultura da época, a Europa. Como em muitos países literariamente periféricos, os escritores russos experimentaram inúmeros modelos composicionais que, por vezes, não se adequavam bem ao seu sistema linguístico. Contudo, esses experimentos foram cruciais para o desenvolvimento de uma literatura russa nacional.

Essa “habilidade dos escritores russos de absorver, traduzir e justapor os sistemas alheios medindo um contra o outro e criticando todos eles, tornou-se o identificador especial do gênio nacional. Uma habilidade nascida da necessidade.”³ (EMERSON, 1998, p.654, tradução nossa). Púchkin foi, sem dúvida, um dos maiores investigadores – na primeira metade do século XIX – das diversas manifestações literárias, tanto internas, quanto externas. “Com grande virtuosismo, Púchkin absorveu esses modelos, transfigurou-os, assimilou-os, parodiou-os e então preparou-se a si mesmo – e à língua russa – para uma próxima fase”⁴ (EMERSON, 1998, p.653).

Dizer, todavia, que Púchkin estava sozinho, enquanto poeta, em território russo seria falsidade. Assim como a influência estrangeira foi importante para a formação de sua poética, aquela realizada em solo russo, até então, também foi determinante. Jakobson fala numa poesia puchkiniana que seria a “síntese da evolução centenária da poesia clássica russa” (JAKOBSON, 2004, p.43). Púchkin tinha entre seus conterrâneos verdadeiros ícones nos quais espelhava seu próprio fazer literário: “As descobertas estéticas de Karamzin determinaram o aparecimento de Jukóvski, cujas realizações poéticas foram assimiladas também por Púchkin”⁵ (VINOGRÁDOV, 1990, p.15, tradução nossa), exemplifica Vinogradov.

Mas o *pout-pourri* de estéticas literárias sob as quais estava influenciado Púchkin não acaba por aí. Além de sua busca pessoal pela estética do passado clássico e o contato direto com a poesia desenvolvida em território nacional, Púchkin ainda estava sob influência de uma estética que fervilhava em seu tempo: o romantismo. Ao invés de rejeitá-la, a posição do poeta diante dessa nova forma foi assimilá-la.

³No original: “ability of Russian writers to absorb, translate, and juxtapose the system of others, measuring one against the other and criticizing them all, was to become their special, identifying national genius. It was a skill born of necessity”.

⁴No original: “With great virtuosity, Pushkin absorbed the models, transfigured them, integrated them, parodied them, and then readied himself - and the Russian language - for the next wave”

⁵No original: “Эстетические открытия Карамзина определили появление Жуковского, чьи поэтические достижения были усвоены и Пушкиным”.

Uma confrontação entre dois mundos poéticos [...] é definitivamente a premissa criadora da poesia lírica de Púchkin: é o Classicismo iluminado pelo Romantismo. O Classicismo de um poeta que permanece fiel à tradição – mas que ao mesmo tempo conhece, compreende, aprecia as conquistas do Romantismo e as experimenta[.] (JAKOBSON, 2004. p.43).

À mescla das estéticas já citadas, pode-se acrescentar outra busca feita por Púchkin: uma visitação ao universo da composição popular nacional russa. Algo semelhante ao que Mário de Andrade faria em território brasileiro somente um século depois. Uma busca, como aponta Aurora Bernardini, pelo “filão da poesia popular, cujas manifestações se concretizavam em obras que passavam de uma geração a outra, graças à tradição oral” (BERNARDINI, 1987, p.26). Uma compilação de forma e conteúdo tradicional e folclórico que aparecem renovados na atividade poética de Púchkin.

Essa posição extremamente aberta diante das inúmeras estéticas que se apresentavam, permitiu que Púchkin extraísse o melhor de cada uma e moldasse o seu próprio material de maneira que “toda e qualquer possibilidade de evolução das letras russas foi preparada por Púchkin e, em parte, a ele ficou condicionada.” (TCHERNICHÉVSKI apud FACÓ, 1987, p.22).

1.2 Púchkin e o fazer literário

Se as influências de Púchkin são tão vastas e plurais, é necessário que mostremos, ao leitor, quais são alguns dos recursos literários, isto é, alguns procedimentos que se tornaram próprios da poética puchkiniana.

A escrita de Púchkin possui um traço fundamental que a torna extremamente palatável para o leitor russo da primeira metade do século XIX. Livre de rococós e obstáculos linguístico, a linguagem puchkiniana soa natural aos ouvidos e, por isso, foi inúmeras vezes dito que a sua maneira de compor é *simples*. Todavia, essa simplicidade não implica em um efeito raso e superficial para a narrativa. Ao contrário, Facó (1987) aponta que “é oportuno lembrar que simplicidade implica profundidade. Ser simples é conseguir dizer com palavras simples o que é importante, o que é essencial”. (FACÓ, 1987, p.10).

Esse aspecto simplificador da linguagem concede à poesia de Púchkin outros traços: leveza, equilíbrio e harmonia. Sua maneira de compor transita entre os tons pastel. Não há exageros, nem arroubos.

Seu modo de narrar é sóbrio, “sem paixão ou cólera”; nem em seu vocabulário nem na sintaxe ele recorre ao estratagema do discurso emotivo e expressivo. Quanto à pontuação, evita ao máximo as reticências, os pontos de exclamações e mesmo os de interrogação, e observa escrupulosamente os limites das significações lexicais (JAKOBSON, 2004, p.44).

Contudo, essa composição que permite o leitor experimentar sensações amenas, esconde em seu interior um arcabouço bem estruturado de técnicas composicionais. Se “a poesia é um ofício, o segredo está na técnica.” (TSVETÁEVA, 2017, p.24); e essa não lhe faltava. Foi justamente o amplo domínio de estéticas diversas que lhe permitiu explorar inúmeros recursos artísticos que acabaram, por fim, lhe concedendo um estilo que transpira e exala erudição.

A poesia de Púchkin, com sua harmonia, emana o mundo clássico greco-romano que também lhe fôra caro. “O senso de equilíbrio e proporção em que a palavra e o som se fundem lembra [...] a arte grega, e lhe dá impressão de estar lendo um clássico” (BARING apud BERNARDINI, 2004, p.36). Desse universo emergem, na poesia puchkiniana, alguns motivos literários fundamentais – como o amor, a morte etc. – que são carregados de *topoi* greco-latinos, isto é, imagens retóricas que expandem um argumento.

Púchkin preparou argutamente sua erudição. Para além desse conhecimento adquirido artificialmente, outro lhe veio nato: “paridade de dom, da alma e da palavra – eis o poeta.” (TSVETÁEVA, 2017, p.36).

2. Sobre a discussão

Selecionamos e traduzimos para nossa análise um *corpus* de quatro poemas escritos em diferentes momentos da vida de Púchkin: *К Морфею* [ru.] (*Para Morfeu* [pt.]), *Ночь* [ru.] (*Madrugada* [pt.]), *Ты и вы* [ru.] (*Tu e vós* [pt.]) e *Я вас любил* [ru.] (*Eu vos amei* [pt.]).

Nosso propósito será analisar os quatro poemas à luz do tema que permeia as quatro composições: o *amor*. Trataremos das representações amorosas feitas por Púchkin sem nenhum fim de atribuir-lhe um julgamento ou estabelecer qualquer elo com a biografia do autor.

2.1 Breve introdução ao amor puchkiniano

Todos aqueles que se iniciam no universo literário russo ouviram, em algum momento, falar de *Evguêni Oniêguin*. A verdade é que fora da Rússia, o primeiro contato – por vezes, o único – que se tem com Púchkin é, justamente, por meio desse seu romance em versos. Há algo nessa narrativa que cativa seus leitores a tal ponto que dela já se fizeram óperas, teatros, balés e filmes. Mas o que exatamente está por trás desse romance (gênero) em que, no final das contas, o romance (tópica amorosa) não se concretiza? O professor Hesíodo Facó aponta que:

Nesse [...] livro Púchkin dá ênfase especial a uma tese sutil sobre o tema do amor. Este se apresenta sob uma visão literária nova: não é tão importante ser amado como é importante amar. Esta mesma tese constitui a essência de uma canção popular russa moderna, em que se canta ser terrível deixar de ser amado, mas infinitamente pior deixar de amar. (FACÓ, 1987, p.8).

Mas Púchkin só lançou seu *Evguêni Oniêguin* no ano de 1833 e não foi ali a primeira vez que o poeta explorou a temática do amor. Antes disso, já o fizera no “único gênero literário que [...] cultivou durante toda sua vida” e que “constitui uma espécie de cimento de toda sua obra” (JAKOBSON, 2004. p.42): a poesia lírica.

Dentre seus poemas, que tem como alvo a matéria amorosa destaca-se *K****, traduzido por Facó:

K*⁶**

Я помню чудное мгновенье:
Передо мной явилась ты,
Как мимолетное виденье,

Para ***

Lembro-me daquele instante maravilhoso,
Em que diante de mim apareceste.
Como uma visão repentina

⁶PÚCHKIN, A. C. Poesia(1823-1836) (Стихотворения [1823-1836]). In. *Obras completas em 10 volumes* (Собрание сочинений в десяти томах). Moscou, Vol.2, 1959, p.89. Disponível em: <https://rvb.ru/pushkin/tocvol2.htm>

Как гений чистой красоты.

Vi um gênio da mais pura beleza...

В томленьях грусти безнадежной,
В тревогах шумной суеты,
Звучал мне долго голос нежный
И снились милые черты.

Na angústia da tristeza sem esperança,
Na inquietude da vida ruidosa
Ouvi a tua voz carinhosa
E sonhei com as tuas feições queridas.

Шли годы. Бурь порыв мятежный
Рассеял прежние мечты,
И я забыл твой голос нежный,
Твои небесные черты.

Passaram-se anos. A tempestade das paixões
Dispersou os sonhos de outrora
Eu esqueci a tua voz carinhosa
Esqueci as tuas feições queridas.

В глуши, во мраке заточенья
Тянулись тихо дни мои
Без божества, без вдохновенья,
Без слез, без жизни, без любви.

Na sombra solitária do meu cárcere
Arrastaram-se anos de minha existência:
Sem divindade, sem inspiração...
Sem lágrimas, sem vida, sem amor...

Душе настало пробужденье:
И вот опять явилась ты,
Как мимолетное виденье,
Как гений чистой красоты.

Mas de novo a minha alma desperta:
Novamente diante de mim apareceste.
A mesma visão repentina,
O mesmo gênio da mais pura beleza.

И сердце бьется в упоенье,
И для него воскресли вновь
И божество, и вдохновенье,
И жизнь, и слезы, и любовь.

Inebriado bate o coração
Para ele tudo renasce:
A divindade, a inspiração,
A vida, as lágrimas, o amor.

Neste poema, observamos um eu-lírico que já experimentou o amor antes do momento dessa composição lírica. Podemos identificar na construção das seis estrofes, um fluxo médio-fraco-forte, do ponto de vista do conteúdo; ele se divide simetricamente em tons narrativos de duas estrofes médias, duas fracas e duas fortes. As quatro primeiras estrofes tratam do passado, enquanto as duas últimas do presente. E podemos observar a seguinte modulação no retrato do

passado: enquanto nas duas primeiras estrofes se trata de uma lembrança idílica, nas estrofes três e quatro a recordação já possui um caráter mais melancólico. No arremate das últimas duas estrofes, eu-lírico é novamente exposto como um sujeito cativo pelo amor (*seruitium amoris*).

Embora o poema se encaminhe para um final “crescente”, já que gera uma expectativa ao terminar em tom esperançoso, isso não implica em emoções exageradas. Pelo contrário, o eu-lírico coloca em pé de igualdade a *divindade* e as *lágrimas* como um sintoma da matéria amorosa que não se pode evitar, mas não vemos nenhum dissabor ou desespero por parte do amante ao saber que esse novo estado de espírito lhe trará também sofrimentos.

2.3 Análise

Os poemas que trabalharemos em nossa análise não são, de modo geral, conhecidos pelo grande público; talvez um grupo especializado já os tenha visto. Por isso, consideramos fundamental que o presente ensaio contenha suas respectivas traduções. Não propomos, no entanto, algum tipo de tradução poética cujo fio norteador seja a reconstrução sonora do original; priorizamos, no entanto, o nível temático, já que é ele o traço que norteia nosso comentário.

A) *K Morfeiu*, 1816.

К Морфею⁷

Морфей, до утра дай отраду
 Моей мучительной любви.
 Приди, задуй мою лампаду,
 Мои мечты благослови!
 Сокрой от памяти унылой
 Разлуки страшный приговор!
 Пускай увижу милый взор,
 Пускай услышу голос милый.
 Когда ж умчится ночи мгла

Para Morfeu

Morfeu, dê-me, até o amanhã, o prazer
 Do meu angustiante amor.
 Venha, sobre minha vela,
 Meus sonhos, abençoe!
 Livre a memória da triste
 Separação da terrível sentença
 Permita-me ver o doce olhar
 Permita-me ouvir o doce falar
 Quando então desvanecer o breu da noite

⁷ПУШКИН, А. С. Poesia (1814-1822) (Стихотворения [1814-1822]). In. *Obras completas em 10 volumes* (Собрание сочинений в десяти томах). Moscou, Vol.1, 1959, p.22. Disponível em: <https://rvb.ru/pushkin/tocvol1.htm>

И ты мои покинешь очи,
 О, если бы душа могла
 Забыть любовь до новой ночи

E deixares meus olhos
 Ah, se a alma pudesse
 Esquecer o amor até o cair da nova noite

O eu-lírico inicia o poema evocando Morfeu, a deidade do sonho – o próprio título já indica o deus como remetente. A partir de então, se inicia uma súplica à divindade para que ela conceda ao amante a razão de seu sofrimento, o sujeito amado.

Contudo, a petição é vã, já que o eu-lírico tem ciência de o que amor ali pedido não será concretizado: “Quando então desvanecer o breu da noite / E deixares meus olhos / Ah, se a alma pudesse/ Esquecer o amor até o cair da nova noite”. A tópica aqui, diferentemente do que vimos na tradução de Facó, não é mais a de um amante cativo resignado, mas sim, um “servo” que sofre. Próximo ao tópos poético da *militia amoris*, embora a “luta” se dê internamente.

A escolha do deus determina os limites da narrativa, isto é, pedir a um deus que só tem domínio sobre o mundo do imaginário, do sonho, não permitirá que a ação atinja a realidade; sendo assim, o eu-lírico está plenamente ciente de que não haverá a concretização de sua solicitação.

O eu-lírico não pede a Morfeu que ele afaste tais sonhos, mas sim que o “Livre a memória da triste / Separação da terrível sentença” e que “Permita-me ver o doce olhar / Permita-me ouvir o doce falar”. Não há a recusa do amor, mas sim a solicitação de um prolongamento desse estado de torpor, que o sonho é capaz de proporcionar.

A noite possui um papel simbólico no poema na medida que ela propicia os sonhos e, conseqüentemente, a manutenção desse estado de espírito do eu-lírico. Já o dia, adquire uma simbologia negativa. Ele rompe com a noite e impede que o amante continue desfrutando sua letargia, retornando ao estado em que o eu-lírico está apartado de seu objeto de desejo.

B) *Notch*, 1823.

Ночь⁸

Мой голос для тебя и ласковый и томный
 Тревожит позднее молчанье ночи

Madrugada

Minha voz tenra e lânguida para ti
 Perturba o silêncio da madrugada escura

⁸PÚCHKIN, A. C. Poesia (1823-1836) (Стихотворения [1823-1836]). In. *Obras completas em 10 volumes* (Собрание сочинений в десяти томах). Moscou, Vol.2, 1959, p.10. Disponível em: <https://rvb.ru/pushkin/tocvol2.htm>

темной.

Близ ложа моего печальная свеча	Próximo ao meu leito uma triste vela
Горит; мои стихи, сливаясь и журча,	queima; meus poemas, fundem-se e ciciam,
Текут, ручьи любви, текут, полны тобою.	Fluem, correntes de amor, fluem, plenos de
	ti
Во тьме твои глаза блистают предо	Na escuridão teus olhos brilham diante de
мною,	mim
Мне улыбаются, и звуки слышу я:	Riem para mim, e escuto os sons:
Мой друг, мой нежный друг... люблю...	Meu amigo, meu doce amigo..amo.. sou
твоя... твоя!..	tua.. sou tua..

“Madrugada” é um poema no breu. Toda sua temática se desenvolve ao redor do jogo de luz e sombra. Em muitos versos as palavras marcam claramente a presença desses elementos; enquanto a luz é representada por um único foco de luz, a vela, a sombra está na “madrugada escura” e “na escuridão”.

Em contraposição a *день* (masc.) – dia em russo –, *ночь* é uma palavra feminina e o sujeito de admiração do eu-lírico é uma mulher, não nomeada; cuja descrição se dá por meio de símbolos que a imagem da “noite” possui em literatura. Como bem aponta Vólkova (2017, p.199), a “noite percebia-se dotada de traços femininos”.

Oposta a essa escuridão (*тьма*) feminina está *свет* (masc.), ou seja, a luz. A vela que queima “próximo ao [...] leito” é a única fonte irradiadora de luz, por meio da qual pode-se ver a cena. Mas essa luz bruxuleante na noite é baça e, ao mesmo tempo que revela, não permite que tudo esteja exposto.

Se a luz está associada ao masculino, o “fogo é [...] característica do coração ou da alma do homem”⁹. Numa chave de leitura erótica, essa chama pode estar “associada com os sentimentos positivos de regozijo [e] felicidade”¹⁰(SKOROV, 2005, pp.577;575). Ela é, portanto, o único elemento que rompe a supremacia feminina da noite.

Esse transpasso decorrer da noite se torna uma alegoria para o sexo. O eu-lírico “perturba o silêncio da madrugada escura” com sua “voz tenra e lânguida”. Em seguida, são adicionados verbos em que podemos observar um duplo sentido: fundir, ciciar, fluir. A metáfora continua e o fluir dá-se em “correntes de amor” – uma figura de linguagem usada em

⁹No original: “fire is [...] characteristic of the heart or soul of man”.

¹⁰No original: “associated with the positive feelings of joy [and] happiness”.

abundância em poesias eróticas. O ápice da imagem sexual está no último verso em que a dama-noite ganha voz: “Meu amigo, meu doce amigo..amo.. sou tua.. sou tua..”.

Temos, portanto, nesse poema uma representação erotizada do amor. Não há quaisquer informações acerca de qual o valor dessa relação amorosa entre o eu-lírico e a dama-noite que não seja a carnal; o poema é um recorte temporal do ato sexual e, conseqüentemente, uma manifestação instantânea de amor.

C) *Ty ivy*, 1828.

Ты и вы¹¹

Пустое вы сердечным *ты*
 Она, обмолвясь, заменила
 И все счастливые мечты
 В душе влюбленной возбудила.
 Пред ней задумчиво стою,
 Свести очей с нее нет силы;
 И говорю ей: как вы милы!
 И мыслю: как *тебя* люблю!

Tu e vós

Do vazio vós a um cordial *tu*
 Ela, num deslize, trocou
 E todos os sonhos felizes
 Na terna alma instigou
 Diante dela absorto fico
 Não tenho forças para desviar os olhos dela
 E a ela digo “como *vós* me sois cara”
 E o pensamento diz “como *te* amo”.

Este terceiro poema nos revela algo que os demais não possuíam: uma ausência absoluta de imagens. Esse apagamento fanopaico alça um outro aspecto, uma elegante e arguta logopeia. O jogo dá-se única e exclusivamente por meio da manipulação da palavra. Para essa exploração, Púchkin escolhe a oposição de significados entre os pronomes pessoais *tue vós*. A divisão semântica que os coloca como representações antagônicas do que é próximo (*tu*) e o que é distante (*vós*) tecerá uma estrutura paralelística dentro do poema.

Contudo, a partir dos “dados” do poema, não se pode estruturar mentalmente o espaço em que está posto o eu-lírico. A única marcação de um evento está dada nos dois primeiros versos que se diz, “Do vazio vós a um cordial *tu* / Ela, num deslize, trocou”; porém, isso não significa que esse momento da troca pronominal ocorra concomitantemente à escrita.

A partir do terceiro verso, o poema adquire um aspecto exclusivamente psicológico:

¹¹PÚCHKIN, A. C. Poesia (1823-1836) (Стихотворения [1823-1836]). In. *Obras completas em 10 volumes* (Собрание сочинений в десяти томах). Moscou, Vol.2, 1959, p.207. Disponível em: <https://rvb.ru/pushkin/tocvol2.htm>

são dados da realidade subjetiva do eu-lírico– Diante dela absorto fico / Não tenho forças para desviar os olhos dela – que apenas ele mesmo conhece e os expõe em tom confessional.

Trata-se de um eu-lírico que experimenta os primeiros estágios da matéria amorosa. Por mais que o amor já existisse muito antes do momento do poema – o que não é nos permitido saber –, é, justamente, a partir da troca lexical da amada que o amante pode ter alguma esperança da concretude do amor. O tom esperançoso é o fio que perpassa todo o poema.

D) *Ia vas liubil*, 1829

Я вас любил¹²

Я вас любил: любовь еще, быть может,
В душе моей угасла не совсем;
Но пусть она вас больше не тревожит;

Я не хочу печалить вас ничем.
Я вас любил безмолвно, безнадежно,
То робостью, то ревностью томим;
Я вас любил так искренно, так нежно,
Как дай вам бог любимой быть другим.

Eu vos amei

Eu vos amei: amor, talvez, ainda exista
Em minha alma nem tudo se dissipou
Mas permita que isto não mais vos
atormente
Eu não quero que se entristeça por nada.
Eu vos amei em silêncio e sem esperanças
Ora tímido, ora atormentado pelo ciúme
Eu vos amei com tanta sinceridade, com
tanta ternura,
Que permita Deus que sejais amada assim
por outro.

Estamos novamente diante de um poema que recusa a imagem. “Eu vos amei” foi “muitas vezes citado por Roman Jakobson para apontar como é possível compor-se poesia sem imagens, utilizando essencialmente figuras de gramática” (BERNARDINI, 1987, p.36).

Não há espaços, planos ou objetos. Estamos diante de uma confissão do eu-lírico; uma confissão de um amante que já não acredita mais na concretização de seu amor. Vale ressaltar que o verbo no mote principal do poema (“eu vos amei”) está justamente no passado, fazendo, por meio da gramática, essa marcação do sentimento amoroso que aponta para a sua extinção (embora o eu-lírico afirme que “nem tudo se dissipou”). Reside, nessa dissipação do amor, o

¹²РЎСНКИН, А. С. Poesia (1823-1836) (Стихотворения [1823-1836]). In. *Obras completas em 10 volumes* (Собрание сочинений в десяти томах). Moscou, Vol.2, 1959, p.259. Disponível em: <https://rvb.ru/pushkin/toevol2.htm>

tópos do amante em conflito “Eu vos amei em silêncio e sem esperanças / Ora tímido, ora atormentado pelo ciúme”; mas somos surpreendidos por um desfecho em que observamos um amante extremamente maduro. Esse tipo de representação amorosa é incomum em poesia: um amante que não possua rancores por não ter o objeto de desejo conquistado e que lhe deseje boa sorte no amor junto a outrem.

3. Considerações finais

O recorte aqui feito e brevemente analisado está longe de contemplar a vastíssima lírica amorosa puchkiniana. Pudemos observar sucintamente a arte de um grande escritor que trabalha com esmero a técnica poética.

Acerca da proposta de nossa análise, cabe apontar uma interessante opção feita por Púchkin: diferentemente de Propércio, Tibulo, Ovídio, Petrarca e outros, o autor russo não nomeia sua amada. Trata-se de uma musa (ou várias) sem rosto. Essa escolha reforça sua poética do meio tom. Vê-se a beleza nos versos, mas essa musa não-nomeada não traz a euforia que tem Laura, Corina ou Beatriz.

Por mais que Púchkin use os lugares-comum da poesia erótica, eles nunca são exagerados. É possível, como apontamos, ver traços da *seruitium amoris* ou *militia amoris*, mas, em nenhum momento, vê-se um amante devastado. De todo modo, “não há dúvidas de que Púchkin conhecia bem a literatura e a cultura do mundo clássico, ela se reflete em muitos de seus poemas, direta ou indiretamente”¹³ (BONET, E; MARGARIT, M, 1975, p.123).

A exploração da matéria amorosa não é puramente sentimental em Púchkin, mas também racional. Tsvetáieva apontou muito bem que se deve ler “Púchkin com o coração e com o cérebro.” (TSVETÁIEVA, 2008, p.62), é uma demanda de sua poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

АКНМÁТОВА, А. Uma palavra sobre Púchkin(СловооПушкине). In.*Páginas do diário.*

Prosa. Correspondências(Листкииздневника. Проза. Письма). Isdatelstvo AST, 2017, p.6.

Disponível em: <https://www.litmir.me/bd/?b=562663>

¹³No original: “No hay duda de que Pushkin conocía bien la literatura y cultura del mundo clásico, ello se refleja en muchos de sus poemas, directa o indirectamente”.

BERNARDINI, A. *A poética de Púchkin em relação aos poetas de sua época (tradição e modernidade)*. Ceará: Revista de Letras, v.1, n.12, 1987. p.25-37. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19541>

_____. *Púchkin e o Começo da Literatura Russa*. São Paulo: Caderno de Literatura e Cultura Russa n°1, março 2004. pp.31-40. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/10/caderno-de-literatura-e-cultura-russa-usp-dossie-puchkin-textos-de-jakobson-pc3a1g-41-a-60.pdf>

BONET, E; MARGARIT, M. *Pushkin y el mundo clásico*. Barcelona: Boletín del Instituto de Estudios Helénicos, Vol. 9, Nº. 1, 1975, págs. 123-142. Disponível em: <http://revistes.ub.edu/index.php/EstudiosHelenicos/article/view/5400/7153>

EMERSON, C. *Literary, criticism and creativity in closed places*. The Johns Hopkins University Press: New Literary History, Vol. 29, No. 4, Critics without Schools? (Autumn, 1998), pp. 653-672. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20057504>

FACÓ, H. *Púchkin - Poeta nacional da Rússia*. Ceará: Revista de Letras, v.1, n.12, 1987. p. 1-24. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19540>

JAKOBSON, R - Notas à margem da lírica de Púchkin. (Trad. Homero Freitas de Andrade). In. *Dossiê Púchkin: Cadernos de literatura e cultura russa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. pp.41-48

PÚCHKIN, A. C. *Obras completas em 10 volumes (Собрание сочинений в десяти томах)*. Moscou, 1959. Disponível em: <https://rvb.ru/pushkin/toc.htm>

SKOROV, P. *Light in Pushkin's Poetry: A perspective on the Poet's worldview*. The Slavonic and East European Review, Vol 83, No. 4 (Oct., 2005), pp.573-598. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4214170?seq=1>

TSVETÁEVA, M. - Meu Púchkin. (Trad. Paula Costa Vaz de Almeida). In. *O meu Púchkin de Marina Tsvetáieva: tradução e apresentação*. Tese (Mestrado em Letras) – Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, pp.43-121. 2008.

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-19102009-144635/pt-br.php>

_____. *O poeta e o tempo*. (Trad. Aurora Bernadini) Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2017.

VINOGRÁDOV, V. V. *A língua e estilo dos escritores russos: de Karamzin a Gógol*

(Языкистильрусскихписателей: отКарамзинадоГоголя). Moscou: Наука, 1990. Disponível

em: <http://e-heritage.ru/ras/view/publication/general.html?id=43613269>

VOLKOVA, E. *A poética da noite*. São Paulo: FronteiraZ, Nº. 19, 2017, p. 197-212. Disponível

em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/28895>